



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANDRÉ MENDES CAPRARO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-479

Entrevistado: André Mendes Capraro

Nascimento: 08/02/1973

Local da entrevista: UFPR Litoral (Matinhos - PR)

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo e Bruno de Oliveira e Silva

Data da entrevista: 27/09/2014

Transcrição: Giovanna Furtado Lopes da Silva

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 34 minutos e 21 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná; Constituição e pessoas envolvidas com o Centro; Período de Coordenação; Atividades desenvolvidas; Tentativa de fazer uma mostra fotográfica; Tipos de acervos; Acervo tridimensional; Catalogação; Documento de política de acervo; Presença de Arquivologista; Espaço físico; Apoio da Universidade; Bolsistas e tipo de produção; Atividades desenvolvidas pelos bolsistas; Doações dos professores para o acervo; Impacto nas atividades acadêmicas; Meio de divulgação pela internet; Arquivos vivos e documentação dos alunos; Agradecimentos.

Matinhos, 27 de Setembro de 2014. Entrevista com Andre Mendes Capraro a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo e Bruno de Oliveira e Silva para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, primeiro agradecemos sua disponibilidade. Gostaria que você nos contasse como se envolveu com o Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná?

A.C. – Primeiro agradeço ao convite, é um prazer ceder essa entrevista. Eu me envolvi da seguinte forma: eu ingressei na UFPR¹ de 2007 para 2008, nesse mesmo período a professora Vera Moro², que era professora da disciplina de história, pediu afastamento para desenvolver o seu doutorado na UFMG³. Em conversa, ela sintetizou as atividades que desenvolvia no Centro de Memória da Federal⁴ e perguntou se eu teria interesse em coordená-las durante o período de afastamento, eu aceitei prontamente. Digamos, meu primeiro contato com o Centro de Memória, embora meu Mestrado e Doutorado tenham sido na área de História, foi nesse momento. Eu não tinha muita noção do que era um centro de memória e foi a partir dessas atividades que ela propôs que eu iniciasse minha proximidade com este tipo de espaço. Como destaquei em outros momentos, não sou um especialista, fiz apenas alguns cursos de Arquivologia, mas é também uma outra perspectiva, porque eles estão mais preocupados com o descarte do que propriamente com a preservação, o valor histórico do documento não importa muito e sim o quanto ele pode ainda ser útil. Então, como os cursos que fiz, não diziam respeito ao que precisamente fazemos nos centros de memória, sempre reforço que não sou um especialista nesse assunto.

C.M. – Como você tomou conhecimento da constituição do Centro de Memória, de quando é esse Centro de Memória? Quais as pessoas que estavam envolvidas no início do CEMEDEF?

¹ Universidade Federal do Paraná.

² Vera Luiza Moro.

³ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁴ Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CEMEDEF).

A.C. – Ele era recém fundado, eu não sei a data precisa, estimativo uns dois, três anos. A própria professora Vera, com o apoio de professores de disciplinas da área de humanas, tinha fundado. Mas não se tinha muito claro, nem o que seria o acervo total, nem como funcionaria. Começou, então, de forma muito rudimentar, como qualquer iniciativa em fase embrionária, porém, é o mesmo estado que se encontra ainda hoje. Mesmo a professora Vera tinha dificuldade de estabelecer quais acervos seriam componentes desse Centro de Memória, ou seja, essas dúvidas eu também recebi. É um processo de construção, já existia na época um projeto com uma equipe de alunos, esse projeto era bastante modesto, porque eram apenas um ou dois alunos bolsistas de graduação, não envolvia alunos da pós-graduação, ainda hoje não envolve, porque a mesma linha de pesquisa, História e Sociologia do Esporte, não tem uma ligação direta com o Centro de Memória que é focado nos acervos que são mais voltados à disciplina Educação Física. De forma transversal, um ou outro documento ou ainda outro tipo de fonte do acervo, pode ser correlacionado à prática do esporte, mas essencialmente ele é voltado à Educação Física, enquanto curso. Isso, de certo modo, inviabiliza que alguém do mestrado, doutorado, possa se envolver com o trabalho do Centro de Memória, sendo assim, ele é muito pautado no trabalho de alguns acadêmicos e isso, de certa forma, dificulta, porque por mais que tenham bolsistas na equipe, no início eram dois ou três bolsistas e alguns voluntários, compromete as atividades, já que não existe mão de obra mais capacitada, ainda mais sem recurso.

C.M. – Como e quando você chegou a coordenar o Centro de Memória?

A.C. – Foi entre 2008 e 2010, também não tenho muita precisão de datas. Foi até o retorno da professora Vera, retorno antecipado, pois ela ainda estava no processo de doutoramento. Ela já tinha cumprido créditos e voltou à Curitiba, estava afastada oficialmente, mas frequentava o Departamento de Educação Física, até porque ela usava na pesquisa o próprio acervo do Centro de Memória.

C.M. – Que atividades você desenvolveu durante esse período de coordenação?

A.C. – Eu continuei com essa equipe pequena de alunos de graduação... O processo era de higienização, catalogação e até de acomodação do próprio acervo, que é um acervo

modestíssimo por sinal... Na época – hoje uma das salas não pertence mais ao Centro –, eram quatro, agora são três salas muito pequenas de três por três metros, é um acervo muito restrito e o maior dos quatro acervos é o de livros que fica na biblioteca. Encontramos fortes dificuldades para extraí-los de lá. A gente conseguiu que a biblioteca do curso de Educação Física separasse e tornasse o acesso um pouco mais controlado em relação à essas obras, que são obras raríssimas, algumas datadas do começo do século XX, com valor inestimável e estavam à disposição do público. Mas não conseguimos extrair elas para as dependências do próprio Centro de Memória, até por questão de espaço. As atividades que fiz então: continuidade desse processo, com esse projeto que a Vera já tinha proposto e daí propus uma disciplina, que também era o que a Vera fazia. Era uma disciplina chamada Projetos Integrados, era uma disciplina da graduação, optativa, na qual os alunos executavam as tarefas básicas que eu listei, como higienização, separação dos documentos e acomodação nas dependências, então um trabalho bem manual ainda. Uma das particularidades do acervo, o tornava bem complicado, é que não era um só arquivo. São quatro, tem a documentação do curso, sobretudo documentação de alunos - as fichas dos alunos, matrícula, histórico escolar; documentação dos professores que consiste basicamente em doações, planos de ensino, planos de aula; o acervo bibliográfico da biblioteca de obras raras; e por último o acervo do Centro Acadêmico que doou todo o material que eles tinham disponível nos seus arquivos, são esses quatro acervos, é bem básico. Por meio dessa disciplina os alunos separavam, catalogavam essa documentação. Tentamos também uma mostra fotográfica porque, dentro do acervo de alguns professores, tinham alguns álbuns de fotografia, da década de 1960, 1970, tentamos organizar uma mostra com recursos da Fundação Araucária⁵, mas se tornou inviável por motivos de licitação. Em paralelo, esses alunos que eram bolsistas do projeto participaram de alguns eventos específicos de Centros de Memória, em síntese foram essas atividades.

C.M. – Vocês fazem exposição, além dessa tentativa da mostra fotográfica?

A.C. – Não, nunca fizemos, até porque o acervo é um pouco limitado e uma das características do Departamento de Educação Física da Federal: ele historicamente foi segregado dos demais cursos, ficando isolado na cidade, é uma sede própria, o que dificulta o acesso das pessoas, então, são os próprios alunos do curso que circulam ali e o

⁵ Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná.

espaço é muito precário, era um colégio interno de freiras, que remete à década de 1940, 1950, se não me engano. A estrutura com algumas reformas, diria reformas muito básicas, ainda tem goteiras. Eles irão consertar, mas é o mesmo do que era quarenta anos atrás. A própria estrutura não nos ajuda, seria impossível fazer alguma coisa lá, existe um prédio novo em construção, inclusive está listado como parte um projeto, um espaço para uma mostra permanente e um outro espaço, um corredor lógico, não um espaço específico, para que nós façamos mostras itinerárias. Temos essa possibilidade, a construção já começou faz cinco anos e no atual momento está parada.

C.M. – Sobre os acervos, vocês têm acervos? Você já disse que são documentais, iconográficos, tem alguma coisa de vídeo?

A.C. – Não. Essa parte, em conversa informal com a professora Vera, já que ela reassumiu as atividades do Centro, é trabalhar a partir de agora com acervos digitais, sobretudo orais e em vídeo, até por causa dessa nossa limitação de espaço e estrutura física e as más condições em termos de estruturas físicas. Talvez seja o próximo passo, com o retorno dela. Ela finalizará o doutorado nos próximos dias e talvez seja um encaminhamento que ela pense em relação ao Centro de Memória: um acervo digital porque não têm condições físicas de sequer manter o que já existe de material, mesmo sendo muito pouco diante de outros centros de memória, como o próprio da UFRGS⁶, UFMG, talvez seja a única possibilidade que nos reste, pelo menos nos próximos anos.

C.M. – Tem alguma coisa de acervo tridimensional? Objetos?

A.C. – Não temos. O Departamento de Educação Física tem alguma coisa sem estar catalogado, material antigo de práticas ou de disciplinas que não existem mais, ou que houve sensíveis alterações – por exemplo, a disciplina de lutas antes tinha como uma das modalidades de base a esgrima, por influência do método francês, hoje não, ela trabalha com o judô, a capoeira, com práticas mais voltadas à cultura brasileira. Esse material, como florete e sabre⁷, creio, está lá, só que em más condições. O Departamento tem um

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Florete e sabre são espécies de espadas utilizadas na esgrima.

depósito com troféus também, tudo muito... Eu não sei nem o estado desse material atualmente.

C.M. – Como vocês tem tratado essa catalogação? Vocês tem uma ficha catalográfica de todo o acervo ou tem registro de doação?

A.C. – Sim, a partir desses cursos, no período em que a Vera estava lá e depois na sequência. A Vera chegou a cursar cursos de preservação documental, e teve um contato prévio com o Arquivo Público Paranaense e alguns alunos fizeram curso específico de arquivamento, eu cheguei a fazer um curso de arquivamento pela própria Federal, mas era para os arquivistas da instituição e não para quem pretende preservar a história. A partir daí, com algumas sugestões, a gente pegou alguns modelos prévios para fazer a catalogação do acervo.

C.M. – Vocês têm documento de política de acervo?

A.C. – Não...

C.M. – Que define a missão, os critérios.

A.C. – Não, que eu saiba não, creio que não, teria que perguntar para a Vera, mas não creio.

C.M. – Vocês têm algum Arquivologista ou alguém da Arquivologia que tem ajudado vocês nesse processo?

A.C. – Ajudado sim, porque a nossa solução mais recente foi se aproximar do Arquivo Público Paranaense, que, por sinal na abertura da documentação do DOPS⁸, pegou fogo, sofreu um incêndio criminoso e foi construído um prédio novo. Digamos, o que foi salvo foi encaminhado para esse prédio, tem um espaço amplo com todas as condições: climatização e o processo de arquivamento em geral. Mesmo os materiais que foram doados e que são essenciais, como o próprio acervo do Professor Germano Bayer – o

Sérgio⁹ mencionou numa apresentação que a gente se encontrava alguns minutos atrás¹⁰ – e que é um acervo considerável, talvez maior do que o próprio acervo do Centro de Memória, nós preferimos encaminhá-lo diretamente ao Arquivo Público Paranaense... A professora Vera, creio, fez essa ponte. Eu diria que para uma visita, em termos de quantidade de documento, o acervo específico da área de educação física e esportes do Arquivo Público Paranaense é muito maior do que o do nosso Centro de Memória. A nossa estratégia em relação a isso é ampliar esse nosso contato com o Arquivo Público Paranaense. Até esqueci de mencionar na apresentação agora pouco: o próprio projeto que eu desenvolvo junto ao Departamento de História tem uma ponte com o Arquivo Público Paranaense, porque toda a documentação do Conselho Regional de Desportos – PR, que era vinculado à CBD¹¹ durante o período Vargas até a Ditadura Militar, se encontra no Arquivo Público Paranaense. Um acervo grande que está em processo de higienização e catalogação. É outro projeto vinculado à preservação da memória, só que executado por outro grupo da UFPR, pertencente ao Departamento de História.

C.M. – Então tem tido outros intercâmbios com o pessoal da Museologia, Biblioteconomia, História?

A.C. – Arquivologia e História, sobretudo, por meio do Arquivo Público Paranaense, esse é o nosso principal contato. Inclusive, antes da minha entrada, a Vera desenvolveu junto com esse pessoal um software para a catalogação. Não sei em que situação se encontra isso, porque a ideia era migrar para o sistema digital do Arquivo Público de forma online, não sei se foi implementado, mas o software foi desenvolvido.

C.M. – Em relação ao espaço, você disse três salas de três por três, vocês dispõem de estrutura para condicionamento adequado e para digitalização?

A.C. – Não tem nada digitalizado. São gabinetes. Para entender o prédio, era um colégio, como eu disse, um internato católico para meninas, existiam os quartos-dormitórios, com

⁸ Departamento de Ordem Política e Social.

⁹ Sérgio Roberto Chaves Junior.

¹⁰ Referência a um trabalho apresentado no Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, realizado na cidade de Matinhos (PR), nos dias 25 a 27 de setembro de 2014.

¹¹ Confederação Brasileira de Desporto.

um banheiro no corredor. Eles eram muito pequenos, nestes quartos cabiam apenas uma ou duas camas e um lavatório, são dimensões reduzidas mesmo. Nos cederam três desses quartos que haviam sido transformados em gabinetes de professores, no qual ficaram alguns arquivos e caixas específicas para arquivamento, nos moldes da ABNT¹², mas as condições de climatização são bastantes precárias.

C.M. – Vocês tiveram em algum momento apoio financeiro de órgãos de fomento?

A.C. – Pouco, mas tivemos. Da própria Federal, da Fundação Araucária. Por exemplo, algumas tentativas de organização de uma mostra fotográfica, mas a burocracia era muito forte na Fundação Araucária. Ela funciona de forma complicada, parece ser mais burocrática que a FAPESP¹³ e outras instituições e órgãos de fomento, o que dificultou bastante. Da própria UFPR, se não me engano, dois ou três anos atrás foi o centenário, então veio um recurso federal para a instituição, que ofereceu para os seus departamentos que tivessem projetos que preservassem a memória ou que tivessem relação com a própria história da própria instituição. Isso tudo nos permitiu captar pequenas quantias. Em algumas ocasiões, por exemplo, nesse processo de higienização, tive que comprar material com dinheiro próprio, caso contrário, os alunos não teriam material – folha de papel sulfite, elástico e outros materiais específicos – para fazer a higienização básica de documento. Então, é tudo muito difícil.

C.M. – A Universidade tem apoiado o Centro de Memória?

A.C. – Olha, teve esse apoio durante o centenário. Creio que não, faço *mea culpa*, sobretudo durante esse período de transição, porque houve um desgaste pessoal... Eu estou envolvido com outros projetos, mesmo quando eu assumi não tinha muita noção do quanto necessita de empenho e estudo o gerenciamento de um Centro de Memória... E não é a minha praia, digamos assim. Era um apoio à Vera devido à sua saída para que as atividades não parassem completamente, mas houve um esgotamento da minha parte exatamente por estes motivos, como o de comprar material para que os alunos de uma disciplina tivessem o que fazer. A partir desse esgotamento, o centro ficou parado por um bom tempo

¹² Associação Brasileira de Normas Técnicas.

¹³ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

praticamente, até o retorno da Vera, que colocou as coisas em ordem novamente. De certa forma, não houve apoio institucional significativo, mas também, fazendo a *mea culpa* daria para correr mais atrás desse apoio. O que eu quero dizer: o apoio não veio até nós, mas também, em contrapartida, a gente não foi atrás do apoio também. Não dá para culpar somente a instituição.

C.M. – Você disse que tiveram alguns bolsistas. Vocês chegaram a fazer que tipo de produção?

A.C. – Fizemos um projeto de extensão, no qual as atividades giravam em torno do Centro de Memória. Esse projeto foi aceito e contemplado com algumas bolsas. Curiosamente, não sei se é típico da Federal do Paraná, mas creio que seja nacional, o volume de bolsas que atualmente vem, é grande, chegou um momento em que tive que sair à procura de alunos e, mesmo assim, consegui somente alguns voluntários, porque os alunos falavam assim: “- Eu já sou bolsista de tal projeto”... Então era uma situação complicada, na qual era até difícil de conseguir alguns bolsistas. Outro problema: os bolsistas que apareciam, já vinham com o interesse exclusivo na bolsa e não no projeto. Aí era uma grande dificuldade, pois eles exigiam um rígido controle, eles não faziam as atividades que eram propostas. Isso tudo ocorreu naquele momento que provisoriamente eu estava ali com a ideia de apoiar e até mesmo de sondar como funcionava o Centro. Isso não me agradava e causava, de certa forma, uma frustração com as atividades.

B.S. – Quais as atividades que eram desenvolvidas pelos bolsistas?

A.C. – Em síntese, aquilo que eu disse: no primeiro momento, eles eram instruídos. A gente fazia um curso, mas muito rápido, de um, dois dias ministrado pelos próprios bolsistas já veteranos que começaram quando a Vera criou o Centro de Memória. Eles eram voluntários, tinham o interesse, mas não passavam de três ou quatro. Eles promoviam o curso, ensinavam esses bolsistas como higienizar a documentação, como separar, algumas já estavam catalogadas, estavam em caixas para o processo de extração para higienização e recolocação na mesma caixa. Em alguns casos, quando a documentação ainda não estava catalogada, ensinavam como catalogar, embora depois houvesse uma conferência – que era outro problema, pois eu chegava para conferir e estava cada um de

um jeito, erros de ortografia, isso tudo que colaborou para causar esse esgotamento do qual falei. Mas, em síntese, as atividades eram essas: extrair clipes enferrujados, colocar folha de papel sulfite entre as folhas dos documentos, escrever e datar na ficha catalográfica e depois colocar novamente naquelas caixas de papelão específicas, na sessão específica, na pequena sala que era correspondente. A gente criou uma ficha bibliográfica também, com uma síntese para o acervo da biblioteca, que ficavam em dois armários imensos e jogados. Esses livros foram catalogados. Me causava certo pânico... Até hoje a biblioteca, como fica no Departamento de Educação Física, é bem modesta, inclusive não tem nem aquele sistema imantado. Os alunos tinham por hábito e tem até hoje, pegar o livro e, às vezes, não devolvem. Tem gente que pega o livro e leva para casa, trás de novo, põe na estante. É uma situação muito complicada. Eu comecei a me deparar, porque eu trabalho com fontes bibliográficas e dei maior atenção, com livros muitos raros ali. O nosso grupo de história do futebol estava trabalhando com a primeira edição da obra “O negro no futebol brasileiro”, por exemplo, que em sites de leilão custava em torno de mil reais e tinha uma obra lá jogada. Eu tinha certo receio de que fosse furtado, porque era um acervo com um valor financeiro muito grande... Participei de um congresso, onde um dos trabalhos era sobre torcidas organizadas e o pesquisador mencionava: “Olha, me falaram muito que tem um livro da década de 1920 que já falava em torcidas, só que nunca ninguém viu e é raríssimo de encontrar em acervos bibliográficos”, esta obra tem no nossa biblioteca. Até hoje causa um receio grande de que desapareçam. Embora fiquem separadas, retiradas das prateleiras, é um acesso simples... Basta a pessoa abrir o armário e levar, é muito possível que ninguém veja ou não fale nada.

C.M. – Vocês tem a pretensão de aceitar acervos que não sejam ligados à escola?

A.C. – Eu não estou vinculado agora ao Centro, não sei quais são as perspectivas da Vera. O que eu posso contar de iniciativa minha durante o período que estive lá... Muito inocente, já que não sabia direito como funcionava o centro de memória, junto com os estagiários, tive a seguinte ideia: vamos começar a solicitar doações dos próprios professores, sobretudo os mais velhos, para o nosso centro. Na semana seguinte, chegaram caixas e mais caixas de provas, pois todo mundo é obrigado a guardar. Pilhas e pilhas... Cortamos, pedimos, então: não aceitamos mais doações porque não havia mais espaço para esse arquivamento de provas. Entramos naquilo que é doloroso para todos nós da história,

que é o sistema de descarte, pegamos algumas para amostragem por professor, por ano, selecionamos, mas era impossível guardar tudo, porque as doações já estavam se acumulando nas escadas que levavam aos gabinetes, nos quais o Centro está lotado. Pilhas de provas em sacos de lixo nos corredores... Não tinha muito o que fazer... E aí que, por motivo de espaço físico, já ficou claro que era inviável pedir doações, até mesmo as doações importantes, como era o caso do acervo pessoal do Germano Bayer, uma espécie de professor “faz tudo”, pois foi professor no próprio Departamento, professor de escolas importantes de Curitiba, Presidente do Rotary Club, do Santa Mônica, um dos principais clubes de Curitiba... este professor estava tinha um acervo pessoal riquíssimo, já que guardava rigorosamente tudo. Quando ele procurou a Vera, parece que ela foi muito sincera: mostrou a nossa estrutura e ele percebeu que não tínhamos condições realmente de guardar a documentação ali. Ele era muito cuidadoso, logo notou que não seria viável e, de comum acordo, foi para o Arquivo Público Paranaense. Hoje o acervo pessoal está lá bem aclimatado, em uma sala específica, toda a documentação catalogada. A gente tem, de certa forma, assumido nossas limitações. Creio que a Vera, na continuidade, siga esse trabalho em parceria com o Arquivo Público, Assumir as limitações, encaminhando o acervo do Bayer para alguém que tenha mais condições de proteger este acervo, foi a melhor solução, pelo menos por enquanto.

C.M. – Após a instalação do CEME dentro da Universidade, vocês perceberam algum impacto dentro das atividades acadêmicas, de ensino, pesquisa e extensão?

A.C. – Não, sinceramente não. Porque são pouquíssimos alunos envolvidos, por mais que a gente estimule por meio da própria disciplina de História, a utilização e manuseio dos documentos. O acesso é muito restrito ainda e o fato do Departamento ser isolado não ajuda. Poucas pessoas até do Departamento que poderiam ter interesse, como os pesquisadores de História, Sociologia, mal sabem da existência do Centro de Memória. Como eu disse, não creio que tenha um impacto efetivo. Creio que, por mais que seja mencionado nas disciplinas de História e Introdução à Educação Física ou com o retorno da própria Vera que já assumiu turmas – eu estou chutando óbvio, não tenho dados para comprovar isso – é bem provável que no curso de Educação Física a maioria dos alunos sequer saiba da existência do Centro de Memória.

C.M. – Vocês tem usado no Centro de Memória o meio de divulgação da internet?

A.C. – Não. A gente já teve algumas ideias, principalmente quando tivemos a disciplina optativa, mas nada que se concretizasse. Existe uma vontade, talvez uma possível estratégia futura, como eu disse, de digitalizar o acervo e oferecê-lo online, com vídeos e outros tipos de depoimentos. Talvez seja a saída viável, mas, por enquanto, não tem nada.

C.M. – Professor, agradeço, tem mais alguma coisa que queria registrar?

A.C. – Não, sinto não colaborar muito. A Vera que tem maior domínio. Ela sempre deixou claro que não dá para pensar o nosso Centro como algo próximo ao de vocês ou da UFMG... o nosso é algo muito inicial ainda. Tenho mais uma coisa muito rápida para falar... Eu falei, mas por cima... Trata-se de uma particularidade que me incomodava muito e também a Vera... Como os arquivos não são mortos, porque nos foi passada a documentação de antigos alunos, volta e meia, era necessário extrair algum documento. Por exemplo, aparecia um aluno que se formou em 1970: “– Perdi meu diploma e preciso da cópia do meu histórico.” Como dava muito trabalho para o pessoal da secretária do curso procurar naquela documentação toda, foi nos “doado” o acervo sem contar, no entanto, que era um arquivo vivo. Então logo começou a maior demanda. Isso também prejudicou muito as atividades, porque você estava lá fazendo uma série de coisas e vinha alguém e solicitava: “– Olha, tem que achar o documento de tal pessoa para ontem”, pois o aluno precisava do histórico porque iria fazer um concurso público. Parava tudo! Você imagina o que é achar um histórico escolar, quando a documentação não está ainda catalogada e você a está higienizando?! Eram semanas corridas para achar um documento específico. Até hoje ocorrem estes pedidos. Quando querem alguma coisa eles pedem para a Vera, porque alguém sempre tem urgência.

C.M. – Muitíssimo obrigada! Em breve a gente te dá notícias.

A.C. – Eu que agradeço, sinto não colaborar tanto.

[FINAL DA ENTREVISTA]